

“Moratória, um erro trágico”

por Cecília Costa
de São Paulo

O Brasil não deve ceder à onda política a favor da moratória, porque seria um erro trágico. Perderia financiamentos para exportação e importação e só teria acesso novamente ao mercado financeiro internacional em futuro muito distante. A saída, portanto, ainda é o diálogo com os credores. Como o último pacote de medidas, “extremamente necessário”, foi muito bem recebido no exterior, é quase certo que o governo brasileiro, na próxima negociação da dívida, venha conseguir mais recursos junto aos bancos credores.

A opinião é do representante dos Estados Unidos na Conferência Internacional sobre Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, William Cline, diretor do Centro de Estudos Internacionais de Washington. Para o economista, a situação do Brasil hoje em dia, obviamente, é mais precária do que a de seis meses atrás, quando se falava na possibilidade de o País voltar ao mercado voluntário de crédito. “Só que existe uma grande esperança de que a recente deterioração das contas externas seja temporária, enquanto a moratória teria efeitos danosos para a economia brasileira, mesmo

que de imediato não ocorressem retrações por parte dos países industrializados”, afirmou.

O Peru, alertou ainda Cline, não deve ser tomado como exemplo de país que se beneficiou ao suspender o pagamento da dívida, porque esse benefício é ilusório. Se neste ano terá uma taxa de crescimento muito elevada e conseguiu reduzir o patamar da inflação, dentro em breve é bem provável que volte a enfrentar outra fase de recessão.

A supervalorização cambial “matará as exportações”, disse o economista americano, tendo observado ainda que na prática o Peru está isolado do mundo capitalista, tanto que retirou todo o ouro que detinha em contas na Suíça, por receio de vir a perder suas reservas no exterior.

O diretor do Centro de Estudos Internacionais de Washington comentou que o governo brasileiro não deve contar com o apoio dos congressistas dos EUA quanto a alterações na legislação bancária norte-americana, “pois dificilmente planos como o do senador Bradley, que prevêem capitalização dos juros, serão aceitos pelos órgãos reguladores”. O melhor, afirmou, é pressionar para que o Plano Baker, lançado em Seul, em outubro de 1985, passe a funcionar mais efetivamente, fa-

zendo com que os bancos emprestem mais recursos compulsórios.

Um fator que poderá vir a beneficiar também os países em desenvolvimento, além da proposta do secretário do Tesouro dos EUA, segundo Cline, é a desvalorização do dólar, que ainda não acarretou mas fatalmente deverá acarretar uma elevação nos preços das matérias-primas (“commodities”).